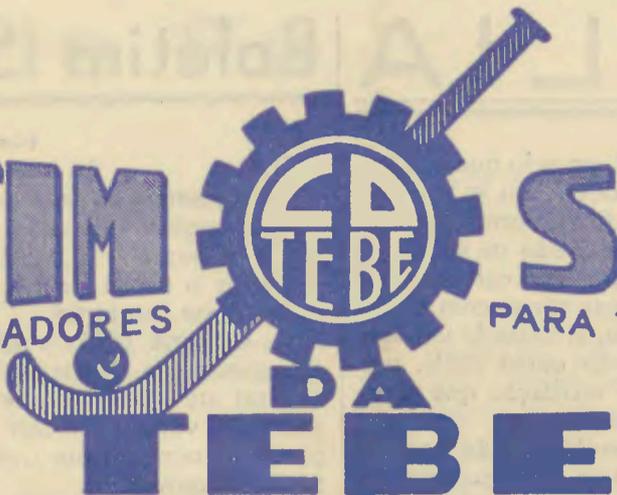


BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES PARA TRABALHADORES



DA TEBE

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Tipografia «Vitória»

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» — BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactor: Joaquim Rodrigues

A EMPRESA TÊXTIL DE BARCELOS, L.^{DA}

Fábrica de Malhas TEBE

é uma grande organização a honrar a indústria nacional

NOS grandes empreendimentos da indústria nacional, temos de destacar, entre as primeiras e sem favor, a fábrica de malhas TEBE, que tornou universalmente conhecida a sua famosa marca — alto padrão, que jamais desmentirá a sua garantia original.

Os artigos TEBE distinguem-se pela finura, conforto, solidez e requintadíssimo gosto.

Como todas as grandes obras, a grandiosa fábrica de malhas TEBE teve simples começo. A Empresa Têxtil de Barcelos, Ld.^a cuja fundação data de 1945, começou por fabricar as modernas cuecas e a clássica ceroula, ambas concebidas por uma fina malha que, mercê da sua esmerada confecção, depressa conquistou os mercados.

De progresso em progresso, de apetrachamento em apetrachamento, de valorização em valorização técnica e maior exigência no acabamento, a TEBE alcançou-se a um lugar cimeiro na indústria malheira da Europa.

Hoje é uma unidade fabril monumental. Os seus inúmeros artigos enchem e satisfazem os mercados mais exigentes, nos mais diversos sectores da vida social. A TEBE tem um artigo para cada gosto, um padrão para cada indivíduo, um preço para cada bolsa.

Eis, portanto, um alto critério a satisfazer todas a camadas sociais.

Devemos destacar, da sua múltipla produção, as inconfundíveis malhas de tricel, nylon, seda, lã e algodão, de uso interior e exterior, para homem, senhora e criança; as suas cintas elásticas de todos os tipos e sem costura, laváveis (elásticas em todos os sentidos), únicas deste tipo confeccionadas no País, rivalizando com o que de mais moderno se fabrica além fronteiras.

Os artigos de nylon, de uma beleza inconfundível, merecem, sem favor, os mais rasgados elogios de todas as senhoras distintas.

Os tules, duma transparência de sonho, são dignos de figurar nos lugares selectos dos grandes actos.

As passamanarias completam o acabamento dos artigos da TEBE, exportando-se ainda, algum do excedente da produção.

Ultimamente, a TEBE, criou o vestido **Tricel** — alta-costura, que tanto pode figurar nos salões mais aristocráticos como nos melhores boulevards de Paris ou nas ruas da Baixa, na Capital. O vestido de tricel — alta-costura mereceu na «Exposição Têxtil Internacional de 1961», no Palácio de Cristal, no Porto, os mais rasgados elogios, quer pela imprensa acreditada e responsável, quer ainda pelo numeroso grupo de senhoras da melhor sociedade portuguesa. Quando o manequim da TEBE pisava o tablado e deixava ver a elegância e o bom gosto do vestido tricel, as palmas ecoavam numa sinfonia de aplauso e admiração.

Como se vai observando, a TEBE, continua a ser modelar no desejo de bem servir os portugueses, que o mesmo é dizer a Nação.

O prestígio da marca TEBE ultrapassou, há muito, as fronteiras, conquistando alguns dos melhores mercados estrangeiros.

Para se avaliar da grandeza desta notável unidade fabril, bastará dizer que os seus estabelecimentos ocupam uma área superior a onze mil metros quadrados, com instalações a coberto e a descoberto.

(Continua na página 2)

Boletim Social da TEBE

DBOLETIM SOCIAL DA TEBE, jornal de trabalhadores para trabalhadores, deixou por largos meses o convívio dos amigos. Não terminou porém os seus dias e hoje reaparece pedindo, num gesto gentil, que desculpem esta falta, que não tem sido por desleixo ou desinteresse.

Assistimos ao correr dos dias e meses e uma preocupação constante nos acompanha por não termos podido satisfazer o compromisso que assumimos ao iniciar a publicação do «Boletim Social da TEBE». Mas para fazer um jornal, por pequeno e insignificante que seja, são precisas horas de vagar e disposição espiritual que nos permita debruçar-nos sobre a mesa de trabalho, liberto de preocupações, sem a ânsia de encher páginas atabalhoadamente apenas com o intento de satisfazer o tipógrafo que não pode esperar as nossas horas de vagar ou de inspiração.

O trabalho de quem tem a seus ombros um encargo da direcção dum jornal não é apenas escrever, é também consultar, escolher, reunir e organizar os assuntos que pareçam de mais interesse para o público a que se destina. E esse trabalho de consulta e escolha, nem sempre é fácil e não é levemente que se pode fazer nem dum modo arbitrário ou desordenado porque então o jornal não teria uma finalidade e uma função.

Não seria mais que um aglomerado de escritos sem ordem e sem ideias a servirem uma causa ou a satisfazer uma aspiração. Se o «Boletim Social da TEBE» pretende ter uma função educativa, cultural e construtiva também não pode aspirar a cumprir a sua missão se não houver um cuidado escrupuloso na selecção dos assuntos e dos colaboradores.

Grande era o nosso desejo de servir inteiramente o alto ideal que orientou a iniciativa de fazer um jornal para o pessoal da TEBE. Este jornal seria um elemento mais de coesão entre os trabalhadores desta grande fábrica. Nele gostaríamos de ver debatidos os nossos problemas, nele gostaríamos de encontrar o companheiro solícito a esclarecer, o amigo que instrui e distrai.

(Continua na página 2)

Minha Terra

Minha terra, quem me dera
Ser humilde lavrador
Ter o pão de cada dia
Ter a Graça do Senhor;
Cavar-te, por minhas mãos,
Com caridade e amor.

Minha terra, quem me dera
Ser um poeta afamado
Ter a sina de Camões,
Andar nas naus embarcado
Mostrar às outras nações
Portugal alevantado.

Minha terra, quem me dera
Poder ver-te dum sertão;
Ter-te longe dos meus olhos
Pertinho do coração;
Para amar-te mais, podendo,
Que me parece que não.

Minha terra, quem me dera
Ser um nauta assinalado;
Passar trabalhos no mar,
Ir à guerra, ser soldado;
Dar por ti todo o meu sangue
De Português desgraçado.

António Corrêa de Oliveira

FILATELIA

QUANDO em 1840 sir Rowland Hill inventou o selo postal não supunha que ele vinha dentro de alguns anos a tornar-se um dos mais interessantes passatempos do homem actual.

Quem diria que nestes pequenos papelinhos policromados, se encerra uma fonte de cultura tão vasta.

Os selos são o documento vivo dos mais variados acontecimentos: factos históricos, descobertas científicas, competições desportivas e ainda são o mostruário da fauna, da flora e das obras artísticas de cada país.

Além do valor cultural são o contributo para o aumento da receita de alguns países. É entre outros, um exemplo flagrante a República de S. Marino, estado minúsculo da Europa, que é somente notável, pelas suas estampilhas postais.

Há quem considere que os selos usados são os que devem servir nas colecções e não os que estão por carimbar.

Contudo há quem diga o contrário.

Examinemos os prós e os contras.

Ouvi uma vez contar, que um

selo usado, é um selo que já cumpriu o seu dever, ou o trabalho para que foi feito, portanto é este que deve ser usado na colecção.

Também assim o colecionador procura as suas séries com muito mais interesse, arranjando um selo aqui, pescando outro acolá, e é com enorme satisfação que completa um série.

Os que são de opinião dos selos novos, têm as suas razões. Estes, pensam que devem comprar as séries sem carimbo, pois, só se paga a mais o aumento de cotação do selo, valendo ele quer filatélica ou não filatélicamente, a taxa marcada no selo.

Mas cada colecionador pense como quiser e proceda como entender pois a sua colecção é somente sua.

A ciência dos selos que é a filatelia, ainda se subdivide em diversos grupos, como a zoofilatelia, cosmofilatelia, fitofilatelia isto, dentro das colecções temáticas. Há ainda a filigranoscopia, que é a ciência que estuda a filigrana dos selos e a marcofilia relativa aos carimbos.

Destes diferentes assuntos conversaremos, nos próximos artigos.

Pedro Manuel

A EMPRESA TÊXTIL DE BARCELOS, L.^{DA}

(Continuação da página 1)

Da singeleza do início ao apogeu agora verificável muito se percorreu e muitas contrariedades e incompreensões se venceram. A TEBE iniciou a sua laboração com uma dúzia de operários. Hoje, porém, a mão-de-obra é variada e numerosa atingindo a sua capacitação mais de mil indivíduos de ambos os sexos.

Mercê do alto nível dos seus produtos, a TEBE evoluiu com grande rapidez, expandindo os seus artigos com segurança e honestidade em todo o País. A excelência da qualidade, aliada a uma propaganda honesta, rapidamente acreditaram a marca TEBE.

E a publicidade da TEBE assentou sempre nas palavras seguintes:

«Para se poder estabelecer um plano de publicidade, tem que se ter em conta vários factores honestos». E foi inspirada por esses factores que a TEBE sempre tem feito uma propaganda actuante nunca até agora desmentida.

A TEBE anunciava um produto como bom. . . e a pessoa que o comprava dizia: — Não fui enganado. E é não enganando nunca, que a TEBE é respeitada e admirada. Eis o lema de ontem e de sempre:

Servir bem, para servir sempre.

Instalações Modelares

Quem mesmo a correr visitar as modelares instalações da TEBE não pode, de modo algum, ficar indiferente ao interessantíssimo espectáculo que se lhe oferece.

O dinamismo das máquinas, irmanadas com a massa operária, produzem uma sinfonia de vida, que se radica em cada lar no sustento da família.

Inúmeras máquinas, das mais diversas procedências, destinam-se aos mais elevados fins técnicos completando-se umas às outras, num rigorismo quase musical ou matemático.

A TEBE podemos considerá-la como uma série de fábricas culminando para um fim:

Servir sempre mais e melhor.

Boletim Social da TEBE

(Continuação da página 1)

Lamentamos profundamente que os múltiplos afazeres do dia a dia nos tenham impedido de servir este Boletim com a solicitude desejada e por isso a todos os operários da TEBE apresentamos uma vez mais o nosso pedido de desculpa por esta interrupção na publicação deste seu jornal.

Gostaria também de vos fazer a promessa de que o Boletim aparecesse nas vossas casas periodicamente e com regularidade mas não sei até que ponto será possível cumprir esta obrigação que assumimos voluntariamente quando tínhamos mais tempo disponível para nos ocupar com trabalhos desta natureza que tanto prazer nos proporcionavam.

O Salão de máquinas circulares

O salão onde uma floresta de máquinas circulares prepara a malha de algodão, algodão este que lhe é fornecido pela secção de dobagem, produz toneladas por ano.

E esta malha depois de convenientemente preparada é transformada nas belas camisolas TEBE (nos muitíssimos tipos), que servem para vestir os homens de Portugal e de além-fronteiras.

Gente simples do campo, desse campo onde se gestou a Pátria, até ao gabinete dos ministros, onde se geram as doutrinas da grei, todos vestem e continuam a vestir as camisolas que o esforço de portugueses irmãos confeccionaram.

As máquinas circulares deste moderno e amplo salão transformam cerca de trinta mil quilos por mês de algodão em malha própria para a confecção de camisolas e outros artigos interiores.

Tinturarias

Estas secções, dado o volume da produção de malha, tiveram de se valorizar, aproximando-se com o que de melhor existe no estrangeiro.

Assim, além das clássicas tinas de madeira e cimento, a TEBE englobou no seu apetrechamento técnico uma série de máquinas de grande poder de coloração, tingindo centenas de quilos de malhas em poucos minutos.

As tinturarias da TEBE podemos considerá-las como grandes laboratórios onde se conjugam a branqueação, a estufa para secagem, e uma série de sistemas e métodos modernos de coloração.

Como a matéria prima da malha varia desde o algodão ao nylon também os corantes e reagentes foram estudados na qualidade e concentração, de tal modo que, não houvesse, de futuro, em artigo da mesma natureza e cor, diferenças consideráveis.

Desde a singela camisola de algodão à finíssima parure de nylon ou seda, tudo sofreu a influência química da tinturaria, que lhe emprestou uma série de propriedades, enriquecendo-as pela cor.

Desde os princípios da história à época actual, a cor dos tecidos constituiu sempre um motivo de interesse da curiosidade humana. E tanto assim é que inúmeros laboratórios, com químicos especializados, estudam dia a dia a criação de novas marcas no sortimento dos corantes.

E é também através das cores que as bandeiras simbolizam as nações.

As cores, saídas todas do espectro solar, ou sejam das 7 cores, formam hoje um labirinto de tons que suavizam os sentidos num paradigma de harmonia.

(Continua no próximo número)

TEBE

Um nome grande
na indústria de malhas

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Milagre de Fé

(Continuação da Página 4)

por ver que és um homem que não vacila ante o cumprimento do teu mais elevado dever: caminhar firme e resolutamente para defenderes o nosso Portugal!

SOLDADO

Não faço mais que seguir os exemplos e as lições que recebi em casa, na escola e, como homem já, no quartel e no convívio dos companheiros de estudo.

MÃE

Longe de nós, meu filho, quando nos recordares com saudade, será também com orgulho que o poderás fazer, essa consolação me fica!...

E ouve bem, que eu e teu pai, queremos também saber que te comportarás como um verdadeiro português.

SOLDADO

Pode crer que serei digno daqueles outros portugueses que levaram a essas terras longínquas, a nossa língua, a nossa Fé, os nossos costumes são e nelas conservaram as tradições e as virtudes da raça lusíada!

MÃE

Tu sabes todas essas coisas, meu filho, melhor do que eu.

SOLDADO

O que sei a si o devo e a meu pai porque ambos me ajudaram a tirar o curso com que tanto sonhava.

A bolsa de estudo que conquistei pelos meus bons resultados devo-a também ao ambiente de carinho e de tranquilidade da nossa casa.

Essa foi verdadeiramente, a minha primeira e mais intensa escola de preparação para a vida.

MÃE

Tão bom filho que tens sido, graças a Deus!

SOLDADO

A si, minha Mãe, devo este belo desejo de realizar um Ideal nobre e de aceitar, de frente, as contrariedades da vida. A meu pai devo o grande exemplo de trabalhador honesto e sacrificado. Aos dois juntos devo a grande lição de amor a Deus, à Pátria e à Família.

MÃE

Telho orgulho e vaidade, Deus me perdoe, de ter um filho de sentimentos tão delicados. Sinto-me bem recompensada de quantos sacrifícios e preocupações sofri para te ajudar a ser um homem, que trilha com andar firme os caminhos árduos do dever.

SOLDADO

Mãe, para si eu quero ser sempre o mesmo rapazinho, meigo e travesso que, nos seus braços, encontrava o refúgio mais seguro de todos os perigos e tentações.

MÃE

Bem sabes que és.

SOLDADO

Venha então comigo, minha Mãe, à capelinha rezar à Senhora de Fátima para que me ajude a bem defender essas nossas terras de além-mar.

Se eu voltar da guerra, os meus primeiros passos, em Portugal, serão para vir a Fátima; se morrer, lá longe de todos, que me ajude a enfrentar a morte como um herói e que o meu sangue moço fique, como uma mancha rubra no solo verdejante de Angola, a gritar ao mundo inteiro que ali continua a Bandeira de Portugal.

MÃE

Só com o amparo da Virgem Maria eu poderei dar-te o ânimo que estas horas de fervor patriótico exigem às mães da nossa terra. Vamos rezar meu filho.

ROMEIRO

Todos nós e estimamos e admiramos António. Por isso queremos-te acompanhar, com devoção, nas tuas súplicas, à Virgem de Fátima.

(Todos se dirigem para a capelinha entoando um cântico religioso).

3.º Quadro

Na mesma sala, a Mãe, costura silenciosamente.

(De repente, entra a filha pequenina a correr com uma carta na mão).

FILHA

Oh minha Mãe, olhe uma carta do nosso António!

É para si! Leia alto, por favor, que eu também quero ouvir!...

É pena o pai só chegar logo da cidade, pois é sempre com alvoroço que espera a vinda do correio.

MÃE

Bendito seja Deus! Não se esquece o meu filho das nossas preocupações! Que notícias trará?

Senhora de Fátima, fazei que sejam boas novas!

A Mãe lê alto

Minha querida Mãe

Quem me dera abraçá-la para lhe poder transmitir mais intimamente o orgulho, o entusiasmo, a fé, que sinto no futuro da nossa Pátria!

Não lhe escondo os sacrifícios, nem os sobressaltos de muitas horas de vigília rodeadas de incertezas; nem os perigos dos combates traiçoeiros; nem as exigências pesadas numa guerra na selva; mas quero que tenha a certeza de que estamos dispostos a avançar contínua e seguramente por esta terra tão portuguesa como o nosso Minho. Não sei como explicar-lhe, mas um sentimento mais forte, mais arreigado e viril de patriotismo faz-nos vibrar ao pisarmos este solo sagrado da terra de Angola.

Tenho andado alegre e seguro nos momentos mais graves porque sinto as suas mãos queridas e piedosas erguidas sobre a minha cabeça, numa oração de súplica à Virgem de Fátima, pedindo-lhe a graça de guardar o seu « menino ».

Mãe! Sossegue que eu estou feliz! Feliz por ser um soldado de Portugal; feliz por arriscar a minha vida pela glória da Pátria; feliz por ter oportunidade de respirar este ar inebriado de perfumes estranhos; feliz por contemplar estas cidades e vilas que a coragem e o amor dos nossos antepassados ergueram por entre a selva densa duma terra fértil; feliz por encontrar Portugal emoldurado numa paisagem diversa mas onde palpita uma vida de ideais e anseios tão profundamente lusíadas.

Para já as horas de repouso são poucas e por isso perdoe-me, minha Mãe, não lhe mandar uma carta mais longa. Confio em Deus que a paz nestas terras e a compreensão destes homens não de permitir talvez, que em breve, eu a possa abraçar assim como a todos os da nossa casa.

Pode crer que está aqui a realizar-se um Milagre de Fé, no destino e na missão de Portugal.

Adeus, minha Mãe. Abraça-a o filho que lhe pede a bênção

António

FILHA

Está contente minha Mãe?

MÃE

Embora com o coração num sobressalto constante, eu sinto-me feliz minha filha. Dei à Pátria, com coragem, o filho que tanto estremeço e que nessas terras longínquas pode ficar para sempre.

Mas é esta a missão gloriosa das mães de Portugal nesta hora grave e incerta.

FILHA

Não pense em tristezas minha Mãe! Venha comigo à nossa escola. Vamos hoje aprender aquela marcha de que tanto gosta.

Eu vejo que a Mãe às vezes chora ao ouvi-la, mas é de saudades, não é?

MÃE

Saudades e orgulho, minha filha. Vamos lá ouvi-la então!...

(Saem ambas e vê-se um grupo de crianças da escola que cantam a marcha « Angola é nossa »).

Para os mais pequeninos

Milagre de Fé

Peça de teatro para crianças

Por MARIA LÚCIA

1.º Quadro

PERSONAGENS { A Mãe
A filha de oito anos

Na sala modesta de uma casa humilde a Mãe costura, enquanto uma filha de oito anos, numa mesita, ao lado, faz os deveres da escola.

FILHA

Oh minha Mãe, porque anda tão atarefada a preparar a roupa do nosso António?

MÃE

Então tu não compreendeste ainda, minha filha, que dentro de breves dias, ele vai partir, com outros soldados, para Angola? A Pátria chama-o a cumprir o seu dever!...

FILHA

E a Mãe não tem medo que ele morra lá, longe de nós?

MÃE

Sabes lá, minha filha, quanto tenho chorado sòzinha, mas diante dele, nunca, que precisa de ânimo para nos deixar e de coragem para enfrentar os inimigos desta boa terra portuguesa.

Além disso, eu confio que Nossa Senhora mo há-de fazer voltar!

FILHA

Mas antes do António partir a Mãe vai com ele a Fátima. Porque me não deixa ir também? Seríamos mais a rezar e a pedir à Mãe do Céu, que o acompanhasse com a sua bênção.

MÃE

És tão pequenina minha filha e esta jornada vai ser de dura penitência. Deveremos de andar muitas horas a pé e passar uma noite inteira em vigília e oração.

FILHA

Tanto gostava de ver a Senhora e os pastorinhos.

MÃE

Mas se hoje fosses a Fátima não verias os pastorinhos adorando a Virgem que lhes sorria do alto de uma azinheira. Esse milagre já se passou há muitos anos!

FILHA

A Mãe sabe como foi? Então conte-me.

MÃE

Vou-te ler uma página só, dum lindo livro que aqui tenho. Está tão bem escrito que vais ter a impressão de assistir ao maravilhoso milagre do dia 13 de Maio de 1917.

Ajoelha-te aqui ao pé de mim, fecha os olhinhos e procura imaginar o que se passou e que vais ouvir.

(Enquanto a Mãe lê uma pequena narrativa, no fundo do palco, num cenário atrás duma cortina transparente vê-se um quadro vivo: a Virgem e os pastorinhos, ouvindo-se um coro suave.

Quando a Mãe acaba repara que a filhita adormeceu).

MÃE

Estás a dormir minha filha e, certamente, a sonhar ver o Milagre de Fátima pois tens uma expressão feliz e linda como a dos Anjos.

Que pena teres de acordar! Não tenho coragem para o fazer.

Ficarei aqui a rezar o meu terço enquanto não despertares desse belo sonho que te faz sorrir.

(O pano desce, enquanto a mãe, numa oração silenciosa desfia as contas dum rosário).

2.º Quadro

CENÁRIO — Fátima

PERSONAGENS { A Mãe
Um soldado
Romeiro idoso
Romeiro
Um grupo variado de peregrinos

Chegam romeiros das províncias todas do País com os seus traços característicos. Entram a entoar um cântico religioso. Num dos grupos vem um soldado com a sua farda.

ROMEIRO

Vimos tão cansados que será melhor repousarmos um pouco antes de entrar na Igreja!

ROMEIRA

Será melhor, realmente, porque a Casa de Deus não deve ser lugar de descanso mas de oração recolhida e respeitosa.

ROMEIRO

Nem sei como aguentei tão longa caminhada. Estou velho e gasto por trabalhos rudes!...

SOLDADO

Eu sinto-me com vigor mas sabe Deus que trabalhos e sacrifícios me estão destinados! Confio na robustez da minha alma para reagir quando as forças do corpo me fraquejarem!

ROMEIRA

Confia também, António, na protecção da Mãe de Deus! Junto dela não te esqueceremos com as nossas orações!...

SOLDADO (para a Mãe)

A Mãe há-de vir comigo à capelinha das Aparições. Quero fazer uma promessa a Nossa Senhora, mas talvez Ela me ouça melhor se a Mãe me ajudar a fazê-la, como em pequenino. Ensinava-me a pedir-lhe, todas as noites, a paz de Deus para o nosso lar.

Agora temos de lhe pedir a paz para uma casa maior, a nossa Pátria!

MÃE

A alegria que tive no dia em que nasceste, meu filho e com o teu sorriso encheste de luz a nossa casa, e a alegria que hoje sinto

(Continua na página 3)

Inauguração da Biblioteca fixa da Fundação Calouste Gulbenkian

NO dia 18 de Julho, pelas 18 horas, com a maior simplicidade, foi inaugurada nesta cidade a biblioteca fixa da Fundação Calouste Gulbenkian, ficando como encarregado o Snr. Jaime Mascarenhas.

Em primeiro lugar usou da palavra o Snr. Dr. Miranda Mendes, digno inspector das Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian, da zona Norte, que, num improvisado significativo, desenhou a evolução das bibliotecas como fontes de cultura. Seguidamente disse umas breves palavras o encarregado da Biblioteca Itinerante n.º 12, de Barcelos, António Baptista, que fez o elogio do Snr. Jaime Mascarenhas Sineiro. Depois falou o Snr. Dr. Branquinho da Fonseca, ilustre escritor e digno Director Geral das Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian que, numa empolgante demonstração do valor do livro como elemento activo da cultura, disse, em poucas palavras, o que no estrangeiro se fez e o que em Portugal se está, agora, a fazer.

Por último e a fechar a sessão, o Snr. Presidente da Câmara, Dr. Luís de Figueiredo, agradeceu mais este melhoramento para Barcelos.

Assim, a biblioteca fixa e a itinerante poderão cumprir mais e melhor a função para que ambas foram concebidas.